

MARIELLE VIVE: POLÍTICA, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS REDES SOCIAIS E RESISTÊNCIA

Luisa da Silva Hidalgo ¹

RESUMO: A vereadora Marielle Franco, do PSol (Partido Socialismo e Liberdade) do Rio de Janeiro, e seu motorista Anderson Gomes foram brutalmente assassinados na noite de 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade do Rio de Janeiro. O assassinato de Marielle gerou grande comoção em diversas partes do Brasil e emocionou até mesmo pessoas que nem conheciam a vereadora. Assim como surgiram muitas manifestações de tristeza e indignação em relação ao fato, muitos atos de violência simbólica também surgiram em relação à Marielle, principalmente em redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Refletir acerca de atos de violência simbólica em relação ao assassinato de Marielle Franco será o principal objetivo do presente trabalho. Para tanto, utilizaremos a teoria da Análise de Discurso de linha *pêcheuxtiana*, pensando na não-transparência da língua e em seus atravessamentos históricos e ideológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; Violência simbólica; Redes sociais; Política.

RESUMEN: La concejala Marielle Franco, del PSol (Partido Socialismo y Libertad) del Rio de Janeiro y su motorista Anderson Gomes fueron brutalmente asesinados en la noche de 14 de marzo de 2018, en el Estácio, región central de la ciudad del Rio de Janeiro. El asesinato de Marielle generó mucha conmoción en diversas partes del Brasil y emocionó hasta mismo personas que ni conocían a concejala. Así como surgieron muchas manifestaciones de tristeza e indignación en relación con el acontecimiento, muchos actos de violencia simbólica también surgieron acerca de Marielle, principalmente en redes sociales como *Facebook* y *Twitter*. Reflexionar acerca de actos de violencia simbólica con relación al asesinato de Marielle Franco será el principal objetivo del presente trabajo. Para eso, utilizaremos la teoría del Análisis de Discurso de línea *pêcheuxtiana*, pensando en la opacidad de la lengua y en sus intersecciones con la historia y la ideología.

PALABRAS-CLAVE: Marielle Franco; Violencia simbólica; Redes sociales; Política.

Primeiras palavras

A vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSol) do estado do Rio de Janeiro, foi violentamente assassinada na noite de 14 de março de 2018, no Estácio, região central do Rio. O motorista da vereadora, Anderson Gomes, também foi morto na ação dos bandidos. A vereadora era conhecida por ser uma defensora dos direitos humanos e das populações das favelas cariocas, sendo ela oriunda de uma das favelas do complexo da Maré, também no Rio de Janeiro.

O brutal assassinato da vereadora gerou uma onda de comoção muito grande no Brasil na época do crime (até hoje não esclarecido, pois não se sabe quem mandou matar Marielle e

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Graduada em Letras Português – Espanhol pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: luisa.hidalgo@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8376026812766121>. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Anderson). A comoção tomou conta do país e muitas pessoas, que nem mesmo conheciam o trabalho da vítima, se emocionaram, por tamanha brutalidade no crime.

Assim como houve muitas manifestações demonstrando indignação e tristeza por conta do assassinato de Marielle, ocorreram também muitas manifestações de violência simbólica em relação à figura dela. Tais manifestações violentas sobre o fato se deram de forma mais latente através de redes sociais como *Facebook* e *Twitter*.

Buscar uma reflexão acerca de tantas manifestações de violência simbólica diante do assassinato de Marielle será o objetivo principal de nosso trabalho. Para tanto, utilizaremos a teoria da Análise do Discurso de linha pêcheuxiana, pensando na não-transparência da língua e em seus atravessamentos históricos e ideológicos.

A memória discursiva

Considerando o fato de Marielle ser uma mulher negra, oriunda da favela, declaradamente homossexual, que ousou ocupar um espaço de poder não destinado a uma pessoa como ela e questionou a intervenção militar nas favelas do Rio de Janeiro (entre outros atos de defesa da população das favelas e dos direitos humanos), os atos de violência simbólica que envolvem Marielle Franco estão atravessados por uma memória discursiva que, conforme Zoppi Fontana e Cestari (2014), designa:

[...] as redes de filiação histórica que organizam o dizível, dando lugar aos processos de identificação a partir do quais o sujeito encontra as evidências que sustentam/permitem seu dizer. Neste sentido, a memória discursiva é o espaço dos efeitos de sentido que constituem para o sujeito **sua realidade**, enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico, no qual ele está inserido (ZOPPI FONTANA; CESTARI, 2014, p. 168 [grifos da autora]).

Nesse sentido, estas redes de filiação histórica “regulam” o dizível e dão lugar aos processos de identificação dos sujeitos. Iniciando uma análise sobre o caso Marielle, é possível afirmar que a memória discursiva em torno dela traz sentidos que se referem às questões de gênero, raça e classe. Zoppi Fontana e Cestari (2014), parafraseando Michel Pêcheux, apontam que, face a um fato, a memória discursiva restabelece um não-dito que permite ao sujeito a interpretação. Desta forma, discursos de violência e ódio envolvendo a vereadora são permeados por não-ditos que significam e naturalizam sentidos.

Ainda sobre memória, Zoppi Fontana e Ferrari (2017) apontam que,

Sendo fruto da relação da língua com a história, a memória discursiva é constitutivamente afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que se materializa pelo seu caráter necessariamente lacunar e equívoco (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 11).

A memória é um elo entre língua e história, e é constituída por esquecimentos, considerando a equivocidade da língua. Tais esquecimentos, segundo as autoras, funcionam através de duas vias: a ausência e a presença na série de formulações. Se configura como ausência por funcionar sob o modo do desconhecimento, de um não-sabido, um não-reconhecido que se desloca, e na presença em seu efeito de retornos, de já-ditos, de efeito de pré-construído, de recorrência das formulações, produzindo a estabilidade dos objetos do discurso (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017).

A violência e as redes sociais

A violência (não por acaso) é perpassada de forma muito latente por questões da ordem das relações de dominação (entre gênero, raça e classe), como aponta Han (2017):

Tanto a violência estrutural quanto a violência simbólica necessitam da relação de dominação, das relações de classe antagônicas e hierárquicas. Elas são exercidas pelas classes dominantes sobre as dominadas, pelos detentores do poder sobre os que estão submetidos a ele, pelos *topdogs* (cães superiores) sobre os *underdogs* (cães inferiores) (HAN, 2017, p. 164).

Marielle estava no lado historicamente dominado: mulher negra, homossexual e oriunda da favela. As redes de filiações históricas constitutivas da memória discursiva mostram que a mulher, historicamente, passa por opressão, objetificação e várias outras formas de violência advindas dos homens. O(A) negro(a) possui a triste marca de anos de escravidão, inferiorização e subserviência pela classe dominante branca. A opressão dos ricos (classe dominante) sobre os pobres também é algo naturalizado. Além de tudo isso, Marielle fazia parte da comunidade LGBT, grupo historicamente oprimido e humilhado².

É perceptível que as relações de dominação estão presentes nos discursos de ódio em relação à Marielle. Pensando no modo como a memória discursiva opera na naturalização de alguns sentidos, buscamos a reflexão sobre atos de violência simbólica relacionados à vereadora.

² No presente artigo, vamos nos ater mais às questões de gênero e raça.

O corpus do presente trabalho foi coletado na rede social *Facebook*. Esta rede foi criada em 2004, pelos então estudantes de Harvard Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes³. Nesta plataforma de interação *online* é possível curtir, comentar e compartilhar fotos, notícias, eventos etc.

Segundo o site G1⁴, a rede social possui um número de 2,3 bilhões de usuários no mundo e o Brasil é o terceiro país com mais usuários no mundo⁵, contabilizando um total de 130 milhões de usuários e ficando atrás apenas de Estados Unidos, em segundo lugar, e Índia, em primeiro lugar, com um total de 300 milhões de usuários.

É notável a expansão do número de usuários das redes sociais no Brasil, principalmente, o Facebook. Sendo um espaço de interação virtual, a plataforma foi e é “palco” de conflitos, embates ideológicos e manifestações de violência, visto que, onde há interação social, há conflito, e, quanto mais usuários, mais conflitos.

Segundo Lévy (s.d., p. 5), “a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível”. Neste sentido, o virtual “mascara” uma existência real, e essa intangibilidade acaba legitimando muitos discursos de ódio nas redes. O “real” existe, porém, atrás de uma tela, o que reforça muitas atitudes e discursos que talvez não fossem proferidos em uma situação verdadeira.

De acordo com Recuero (2013, p.242), as redes sociais impactaram a sociedade e seu funcionamento: “Os sites de rede social tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos”. Desta forma, pelo grande número de usuários das redes, muitas pessoas alteram seu modo de comunicar e viver, e o funcionamento discursivo da linguagem se reconfigurou. Como afirma a autora, existem agora, novas formas de se relacionar e produzir diferentes efeitos de sentido.

Boyd (2010 apud RECUERO, 2013) mostra algumas alterações sobre a nova dinâmica que reconfigura o espaço onde o discurso é publicado:

³Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/veja-onde-estao-os-fundadores-do-facebook-10-anos-depois.html>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

⁴Disponível em :<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

⁵ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/brasil-e-o-3-pais-com-o-maior-numero-de-usuarios-do-facebook-02032019>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

a) a presença de audiências invisíveis, ou seja, o fato de que o discurso não está restrito a audiência percebida do mesmo, mas é reproduzido e repassado na rede; b) colapso dos contextos, que se refere ao fato de que o discurso não tem necessariamente um contexto dividido pelos participantes do processo, e, muitas vezes, é difícil de compreender pela ausência do contexto; c) borramento das fronteiras entre público e privado, que se refere ao fato de que não há fronteira entre os discursos expostos às várias redes sociais, justamente porque essas redes estão mais interconectadas nesses sites. Essas mudanças são importantes porque são decorrentes da hiperconexão entre as redes sociais. Em ferramentas como o Facebook e outros sites de rede social, as práticas sociais que influenciam as conexões (como, por exemplo, a necessidade de ter mais conexões ou a flexibilidade do conceito de «amigo») influenciam também os modos de espalhamento dos discursos entre os grupos sociais (BOYD apud RECUERO, 2013, p. 6).

Diversos fatores contribuem para esta nova dinâmica de produção de discursos. O espaço (virtual) afeta/altera o modo como estes discursos são produzidos e suas condições de produção tanto no sentido estrito, quanto no amplo. A invisibilidade da audiência, descrita pelo autor, assemelha-se à intangibilidade do ambiente virtual mencionada anteriormente, fato que altera as condições de produção de determinado discurso e pode legitimar discursos de violência. O que não é “palpável” pode “não existir” e desta forma encoraja mais pessoas a (re)produzir discursos de violência.

Outro ponto interessante é o apagamento de fronteiras entre o público e o privado, visto que o discurso, uma vez produzido em uma determinada rede social, está automaticamente exposto a outras por existir uma hiperconexão entre várias redes sociais. Uma vez proferido um discurso de ódio, por exemplo, este está sujeito a ser reproduzido em outras redes, visto que pouco conteúdo produzido na internet é “privado”.

Essas alterações de comportamento advindas do impacto das redes sociais em nossas vidas também afetam as manifestações de violência no espaço virtual. Conforme aponta Han (2017), a violência macrofísica pode ser expressa de maneira sutil, como por exemplo, através da violência da linguagem. Nesse sentido, as redes sociais, como o Facebook, funcionam como meio de utilização da linguagem e através dela, manifestam-se diferentes discursos e ideologias. Discursos de ódio, como o que iremos analisar neste trabalho, enquadram-se na violência da negatividade, de acordo com Han (2017, p. 9), “À maneira da violência física, a violência da linguagem reside amplamente na negatividade, pois ela é di-famante, des-credenciadora, degradante ou des-abonante”.

A violência da negatividade se caracteriza por relações antagônicas que causam tensão, o que causa conflito e corrobora manifestações de violência da linguagem em diversos espaços,

inclusive no virtual. As redes sociais acabam tornando-se, como dito anteriormente, “palcos” inclusive de violências simbólicas. O Facebook é uma plataforma cujo acesso é gratuito, basta ter um e-mail e cadastrar-se. Nesse sentido, em contas abertas, os conflitos e manifestações de violência pela linguagem tornam-se “espetáculos” para o grande público. Conforme Han (2017), a espetacularização da violência (de fato) era prática recorrente na Antiguidade Romana:

Ao lado do *dommatio ad gladium* (morte pela espada) e da *dommatio ad flamas* (morte pelo fogo) existia igualmente a modalidade de morte *dommatio ad bestias*, na qual os criminosos eram lançados como alimento a animais predadores famintos, para serem devorados a dentadas. *O munusgladiatorium*, não era apenas uma mera diversão de massas, como meio de satisfazer seu instinto agressivo. Mas também nessa prática havia nele um significado político. No teatro da crueldade entrava em cena o poder (*Match*) do soberano como poder da espada (HAN, 2017, p. 18, 19).

A violência era uma espécie de “show” aberto ao grande público, sedento por sangue. Porém, como afirma o autor, a questão política e as relações de poder eram latentes no funcionamento daquela sociedade, sendo aqueles atos de violência real, uma representação do poder soberano. Partindo das considerações de Han (2017), buscamos um paralelo com a espetacularização da violência nas redes sociais, que muitas vezes são grandes “shows” de violência simbólica que geram curiosidade e desejo por um “massacre virtual”.

A questão do gênero

A questão do gênero é fundamental para o desenvolvimento de nosso trabalho. Discursos de ódio envolvem o nome da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018. Por ser uma mulher ocupando um cargo político, espaço geralmente ocupado por homens, brancos, héteros e de classe média, uma mulher negra, homossexual e “cria da Maré”, como ela mesma dizia, incomoda. Além disso, Marielle era uma ativista pelos direitos humanos, dentre eles, os direitos das populações das favelas cariocas e das mulheres. Marielle criticava fortemente a intervenção federal militar nas favelas do Rio de Janeiro e um dia antes de ser assassinada, fez o seguinte post, na rede social *Twitter*:



Figura 1 – Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/quantos-mais-vaao-precisar-morrer-para-que-essa-guerra-acabe-escreveu-marielle-um-dia-antes-de-ser-morta-22491127>

Marielle Franco foi a quinta vereadora mais votada na cidade do Rio⁶ e teve um mandato muito ativo, principalmente no que tange à defesa dos direitos das mulheres e dos jovens negros. Marielle ousou não só ocupar um espaço não destinado às mulheres, mas também deu voz às populações minorizadas. Na própria noite de seu assassinato, participava de uma roda de conversa com jovens negras.

Marielle era uma mulher ocupando uma posição em um espaço de poder, trazendo à tona a questão do empoderamento feminino e suas consequências em um país cuja sociedade, em sua maioria, é atravessada por uma ideologia machista e racista. De acordo com Zoppi Fontana e Ferrari (2017):

Este amplo campo de problemáticas em torno das mulheres fornece um espaço privilegiado de observação para os estudiosos da linguagem, dado que está inteiramente atravessado por processos discursivos que deslocam sentidos já estabilizados historicamente (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 8).

Como apontam as autoras, as questões que envolvem as mulheres passam a ocupar um espaço privilegiado para os estudiosos da linguagem, uma vez que pautas que envolvem as mulheres, como por exemplo, a violência de gênero (seja física ou simbólica) e os feminismos, por muito tempo foram deixadas de lado.

À época da escrita do artigo, Zoppi Fontana e Ferrari (2017), destacam a importância de, naquele momento, o Brasil eleger a sua primeira presidenta: Dilma Rousseff. Sua eleição desloca sentidos já estabilizados historicamente, em relação às questões de gênero na política brasileira, uma vez que foi a primeira presidenta mulher em cento e vinte e um anos de República. Tal fato se configura como um acontecimento discursivo (PECHÊUX, 2015), ou

⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/marielle-franco-negra-moradora-da-mare-a-quinta-vereadora-mais-votada-do-rio-22491120>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

seja, o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Ainda sobre o “acontecimento discursivo”, Indursky (2008, p. 10) aponta que este “não se dá a partir do nada. Ele ocorre a partir de um domínio de saber já existente em relação ao qual ocorre ruptura”. Nesse sentido, em relação à eleição de Dilma, temos uma memória instituída na política brasileira, onde somente homens ocuparam cargos de poder, desde o Império, perpassando períodos de regime militar e democracia. A partir dessa memória instituída em nosso país, a eleição de uma mulher se torna uma “atualidade”, e junto a esta atualidade emerge um novo domínio de saber. A eleição de uma mulher rompe com saberes historicamente estabilizados, e esta ruptura provoca novos efeitos de sentido em relação ao empoderamento feminino na política.

O empoderamento feminino na política desestabiliza sentidos historicamente naturalizados sobre o tema, uma vez que o direito ao voto foi conquistado em 1932⁷, quarenta e três anos após a Proclamação da República e passados 121 anos (mais de um século), uma mulher é eleita para assumir o cargo político de maior poder. Esses sucintos dados sobre as mulheres na política brasileira mostram o quão silenciadas fomos e ainda somos pela hegemonia masculina. Neste sentido, cabe a reflexão sobre a importância de “Dilmas” e “Marielles” se impondo em uma tribuna e enaltecendo o poder feminino, tão cerceado na política brasileira.

Em relação às identificações de gênero, Zoppi Fontana e Ferrari partem da

[...] compreensão de que as identificações de gênero configuram as práticas discursivas ao mesmo tempo que se configuram nelas, como efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório no qual as identificações de gênero se articulam a outras identificações nos processos de constituição do sujeito do discurso (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 9, 10)

Para as autoras, os processos de identificação de gênero possuem uma forte articulação com outras identificações que constituem o sujeito e o discurso. A identificação de gênero não funcionaria apartada dos processos de interpelação ideológica ao qual todos nós somos submetidos. Este processo se dá de forma complexa, uma vez que, para além das identificações de gênero, outros elementos históricos e ideológicos perpassam a constituição do sujeito.

As autoras destacam, ainda, a importância do movimento feminista na política:

As mudanças provocadas pelo feminismo no discurso político e, por sua vez, o confronto social e racial que se deu no interior do discurso feminista, são assumidos aqui como uma possibilidade de subjetivação na resistência à dominação ideológica. A partir do questionamento dos espaços da política e

⁷Disponível em :<<http://www.tre-pr.jus.br/imprensa/noticias-tre-pr/2018/Fevereiro/24-de-fevereiro-dia-da-conquista-do-voto-feminino-no-brasil-1>> acesso em: 10 de ago. de 2019.

do privado, o feminismo produziu um acontecimento histórico e, desta forma, rompeu o círculo de repetição da condição das mulheres na sociedade (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 10).

O feminismo corrobora o já mencionado deslocamento de sentidos naturalizados na história, em relação às mulheres na política. O discurso feminista surge, segundo as autoras, como processo de subjetivação na resistência à dominação ideológica, dominação esta, advinda de uma sociedade patriarcal que silencia e oprime as mulheres. O discurso feminista desestrutura uma hegemonia masculina, ainda que a passos lentos, e traz à tona uma série de questionamentos sobre o papel da mulher não só na política, mas em outras esferas da sociedade.

A questão da raça

A vereadora Marielle Franco era uma mulher negra. Em um país que escravizou o negro por mais de trezentos anos⁸, este fato não passa despercebido, principalmente, no que tange aos discursos de ódio sobre ela. A mulher negra está duplamente à margem, em uma sociedade racista e machista. A mulher negra, desde os tempos da escravidão era violentada de todas as formas possíveis, desde os estupros, até as dolorosas separações de seus filhos, vendidos como mercadorias, em situação de desumanização.

Para além do lugar de submissão e subserviência, à mulher negra escravizada cabia, ainda, o doloroso lugar da exploração sexual e estupros. Como força de trabalho, a mulher escravizada, por muitas vezes, era equiparada ao homem, como aponta Davis (2016):

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, por tanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadora (DAVIS, 2016, p. 17).

Em um primeiro momento, a vida da mulher negra escravizada era focada na força de trabalho, independentemente das diferenças anatômicas do homem para trabalhar nas lavouras. Como aponta Davis, aspectos da subjetividade dessas mulheres eram apagados, por conta da

⁸ Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>> Acesso em 10 de ago. 2019.

exploração da sua mão de obra. Porém, o fato de ser mulher, simplesmente, submetia muitas mulheres negras à exploração sexual e às relações sexuais sem consentimento:

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis à todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras (DAVIS, 2016, p. 20).

As dificuldades de ser uma mulher negra vêm desde a escravidão. Por ser mulher, apenas, muitas negras, por muitos anos passaram por essa série de humilhações, para além de toda brutalidade e desumanização da escravidão.

A maior “sequela” de tantos anos de escravidão (neste caso, no Brasil), se mostra na face de um racismo velado, em uma sociedade que nega e mata os negros e negras todos os dias. A memória discursiva sobre a escravidão e suas consequências (latentes até hoje), é constituída pelos esquecimentos e equívocos da língua, com seu efeito de incompletude. Segundo Orlandi (2015), falando de história e de política, “não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (ORLANDI, 2015, p. 53).

Sendo a memória constituída de esquecimentos, silêncios e sentidos não-ditos, é perceptível, em uma perspectiva discursiva, o entendimento do funcionamento da memória em relação ao negro e à negra brasileira e a escravidão. Mesmo sem “lembrar”, muitos sentidos são naturalizados sobre o assunto e, muitas vezes, nossos dizeres e atitudes preconceituosas são motivadas por essa memória que discrimina, rebaixa e desumaniza o negro e a negra.

Pensando nos processos discursivos e no funcionamento da memória, é possível estabelecer um paralelo entre o genocídio negro (combatido por Marielle) e os tantos tipos de violência que atingem essa raça. O corpo negro é feito de resistência e o legado de Marielle Franco reforça essa ideia.

Zoppi Fontana e Cestari (2014) abordam a questão do mito da “democracia racial”, na citação que segue:

O movimento das mulheres negras, com maior expressão a partir do início da década de oitenta, tem denunciado o funcionamento do mito da “democracia racial”, conforme o qual o Brasil seria fruto de uma miscigenação harmoniosa das raças, apontando para a produção de estereótipos sobre as mulheres negras, especialmente as figuras da *mulata* e da *doméstica* como as duas faces de uma mesma moeda: cara e coroa de um mesmo processo de violência simbólica (ZOPPI FONTANA; CESTARI, 2014, p. 177).

Conforme apontam as autoras, a “democracia racial” seria uma grande falácia. De modo que, após trezentos anos de escravidão, seria impossível haver uma “miscigenação harmoniosa de raças”. Nesse sentido, a raça negra permanece inferiorizada e o racismo, que é real, acaba por ser mascarado por esse mito, dentre outros fatores.

Os estereótipos das mulheres negras, como as figuras da mulata e da doméstica, mostram como a memória discursiva opera na produção de sentidos sobre a mulher negra. Não há estereótipos de mulheres negras como médicas, professoras, engenheiras e políticas, como Marielle. O estereótipo de “mulata” impõe uma sexualização que deveria ser imprópria ao corpo da mulher negra, “empurrando-a” para um processo de violência simbólica (ou até mesmo física). Já o estereótipo de doméstica traz à tona a suposta incapacidade e inabilidade da mulher negra para o trabalho intelectual, o que também configura um modo de violência simbólica.

Gonzalez (1983 apud ZOPPI FONTANA; CESTARI, 2014, p. 177) , constata que “os termos mulata e doméstica são atribuições do mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas”. Desta forma, o corpo da mulher negra está sempre suscetível a vários tipos de violência e a não atribuição deste corpo a um papel digno e empoderado.

Marielle Franco “quebrou” estes estereótipos. Saiu da favela, estudou, politizou-se e ocupou um lugar de poder quando eleita vereadora. Uma hipótese para compreender os atos de violência simbólica envolvendo o nome de Marielle é justamente essa: Marielle ousou ocupar um espaço de poder e enfrentar um sistema injusto para com os pobres, mulheres, negros e negras.

Um gesto de análise

O objeto de análise deste trabalho circulou na rede social *Facebook*, na página do jornal “Diário Popular” da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. O *post* noticiava uma manifestação organizada por integrantes do PSol – Pelotas. Tal manifestação foi realizada no dia 14 de março de 2019, data em que completou um ano do assassinato de Marielle Franco. O ato buscou homenagear a memória da vereadora e cobrar respostas das autoridades sobre os mandantes do crime.

A sequência discursiva a ser analisada trata de um comentário feito na postagem. Qualquer usuário da referida rede social pode fazer comentários e, provavelmente, os usuários que comentam postagens do Diário Popular “curtem” a página do jornal.



Figura 2 - Fonte: Página do “Diário Popular” no Facebook

A sequência discursiva (doravante SD) que vamos analisar é a seguinte:



Fonte: Página do “Diário Popular” no Facebook

Para dar início ao nosso gesto de análise, pensaremos em dois aspectos inerentes à materialidade discursiva do enunciado. O primeiro aspecto está relacionado à questão linguística e o segundo, à questão não-linguística, já que os sentidos atribuídos ao enunciado se constituem através de uma articulação entre os dois aspectos.

Para melhor compreender o aspecto não-linguístico da SD, é necessário pensar em sua primeira parte: “#MARIELLE VIVE”. Esta hashtag⁹ surgiu na época do assassinato de Marielle e foi um chamamento nas redes sociais para atos no Brasil e no mundo que tiveram como objetivo expressar revolta e indignação pela execução da vereadora¹⁰. A hashtag #MARIELLE VIVE, acabou se tornando um símbolo de indignação e resistência, mantendo a memória e legado de Marielle vivos.

⁹Hashtag é uma **palavra-chave** antecedida pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para **identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando** nas Redes Sociais. A adesão delas se tornou popular no Twitter e depois se disseminou para as mais populares mídias sociais da atualidade. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/o-que-e-hashtag/>> Acesso em: 09 de ago. de 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.esmaelmorais.com.br/2018/03/mariellelive-manifestacoes-por-todo-o-brasil/>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

O símbolo “Marielle Vive!”, intitulou também uma ocupação de trabalhadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Conforme a página do MST¹¹, o acampamento teve início um mês após o assassinato da vereadora, quando mais de setecentas famílias da região de Campinas (SP) romperam as cercas da Fazenda Eldorado Empreendimento Imobiliário Ltda.

Entendemos então o símbolo “Marielle Vive”, como um discurso de resistência, que além de perpetuar a memória da vereadora, busca englobar as lutas sociais de populações deixadas à margem ao longo da história e que buscam justiça social. Esse símbolo de resistência acaba por representar a luta de Marielle pelos direitos humanos e pela vida das mulheres, dos negros e dos pobres.

Além destes aspectos não linguísticos, existem os aspectos linguísticos, gramaticais. Nessa SD, daremos destaque aos verbos, pois configuram maior expressividade em nossa análise. Primeiramente, temos o verbo flexionado no tempo Presente e no modo Indicativo “VIVE”. Este tempo se refere a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos e o modo, indicativo se refere a fatos verossímeis (BECHARA, 2009). Desta forma, o enunciado “MARIELLE VIVE”, produz um efeito de ação que se realiza e não de uma vida interrompida pela violência. Marielle vive em todas estas pessoas que se indignaram com sua morte e que desejam a justiça social para todos que precisam. Marielle vive por todo legado de lutas dedicado às categorias minorizadas.

Os sentidos produzidos a partir desse enunciado surgem pela articulação do linguístico e do não linguístico, ou seja, através de todo significado que existe por trás do literal, por trás do que transparece.

Na segunda parte da SD temos o enunciado “ENCHENDO O SACO”. Este termo é bastante utilizado no Brasil, como uma gíria. “Encher o saco” significa que a pessoa está incomodando, perturbando ou chateando. É um modo de dizer que a pessoa está irritando com um assunto inadequado ou desnecessário. No aspecto gramatical, temos o gerúndio como forma nominal do verbo, pois ao lado de seu valor verbal, pode desempenhar a função de nome (advérbio ou adjetivo) (BECHARA, 2009). Desta forma, no enunciado “Marielle vive enchendo o saco”, pensando em uma forma nominal que produz o efeito de continuidade, esta

¹¹ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2019/04/16/acampamento-marielle-vive-completa-um-ano-em-valinhos.html>> Acesso em 10 de ago. de 2019.

forma “enchendo” pode desempenhar a função de um advérbio de modo. “Ela vive enchendo o saco”.

Ao pensarmos o enunciado como um todo, como uma SD, levantamos a seguinte questão: Por que “Marielle vive enchendo o saco”? Primeiramente, percebemos o embate de sentidos entre os dois enunciados que constituem a SD, vistos separadamente. No primeiro, existe a ideia de vida, de uma luta que é presente, atual. “Marielle Vive!”. Temos nesse enunciado a luta proposta por Marielle, viva em um grande número de pessoas. No outro enunciado, “enchendo o saco”, temos a ideia de perturbação, ou seja, se Marielle vive, Marielle incomoda. A luta de Marielle continua incomodando.

Sendo o símbolo “Marielle Vive!” uma forma de mantê-la viva e “enchendo o saco” uma ideia de continuidade, mas não da vida de Marielle e sim de sua “encheção de saco”, percebemos as relações antagônicas que constituem essa SD. De um lado a luta, do outro, o incômodo. O “incômodo” provocado por Marielle pode ser interpretado como a continuidade das lutas travadas por ela em vida. A vereadora defendia os direitos humanos, os (as) negros (as) e as populações de favelas. Então, se Marielle vive, essas lutas continuam vivas. E por continuarem vivas provocam inquietações nas ideologias dominantes (brancos, héteros e classes médias). Porém, um outro efeito de sentido possível para esse “incômodo” ou “encheção de saco” emerge de outra filiação ideológica, que seria antagônica à qual nos referimos antes. A partir dessa formação ideológica o “incômodo” de Marielle não produz o sentido de lutas por um mundo mais justo, mas o sentido de importuno ou algo desnecessário em nossa sociedade.

Por que Marielle vive enchendo o saco, mesmo depois de morta? O primeiro ponto a pensarmos é o seguinte fato: Marielle Franco era mulher. As mulheres têm um passado (e presente) de silenciamento, no que tange à política. Há alguns anos, as mulheres não tinham nem mesmo o direito ao voto e Marielle, como uma das vereadoras mais votadas da cidade do Rio de Janeiro, deu voz a elas, ocupando um espaço de poder institucional, majoritariamente composto por homens. Quando uma mulher (oriunda da favela) alcança um cargo de poder, incomoda, afronta, principalmente, a hegemonia masculina.

Outra questão fundamental para pensarmos na violência simbólica que envolve Marielle, e suas lutas é o fato de ela ter sido uma mulher negra, em uma posição de poder político. Às mulheres negras são atribuídos estereótipos ligados à servidão, à exploração e às profissões cuja “capacidade” intelectual seja pouca ou nenhuma. Marielle Franco era graduada

em Sociologia com mestrado em Administração Pública¹² e, antes de ser eleita vereadora, foi assessora parlamentar do hoje deputado federal Marcelo Freixo.

Era uma mulher inteligente e competente para ocupar o cargo de vereadora. Marielle rompeu com a memória discursiva que envolve as mulheres negras de origem pobre, estereotipadas muitas vezes como empregadas domésticas. Esta memória, como apontou Orlandi (2015), no que tange à história e à política, se constitui por esquecimentos e silêncios. Estes esquecimentos e silêncios se fazem presentes em uma memória discursiva sobre a prática da escravidão e do racismo e se mostram nos sentidos naturalizados que eles produzem.

Para além das questões de gênero e raça, outro ponto interessante sobre a SD é pensar sobre as pautas que Marielle defendia. Ela era uma defensora dos Direitos Humanos (algo que muitas pessoas equiparam a “defender bandidos”) e lutava contra o genocídio dos negros. Marielle enfrentou milícias e questionou as ações violentas da Polícia Militar e Exército nas favelas do Rio. O enunciado “enchendo o saco” se relaciona às pautas que Marielle defendia. Então se “Marielle vive enchendo o saco”, “encher o saco” é lutar pela defesa de Direitos Humanos, mulheres e negros? Fica implícito no enunciado que, mesmo depois de morta, Marielle continua “enchendo o saco”, uma vez que, após o seu assassinato a sua luta permanece viva.

Considerações finais

Buscamos desenvolver ao longo deste trabalho uma breve reflexão acerca de atos de violência simbólica envolvendo Marielle Franco. Com o aporte da Análise de Discurso Pêcheuxiana, foi possível perceber como os atravessamentos históricos e ideológicos permeiam discursos que circulam em diversos meios, como por exemplo, as redes sociais, espaço onde circulou o objeto de análise de nosso trabalho.

O conceito da AD que mais se adequou à análise que desenvolvemos foi o de Memória Discursiva. Este conceito nos permitiu construir um caminho através de acontecimentos históricos e políticos que nos levaram às hipóteses sobre o porquê dos atos de violência simbólica contra Marielle Franco. A articulação de questões de gênero e raça aos atos de

¹² Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>> Acesso em 10 de ago 2019.

violência foi necessária para embasar nossas hipóteses e perceber como estas questões estão presentes no funcionamento do discurso.

Buscaremos não encerrar esta reflexão neste trabalho, uma vez que pautas que envolvem gênero, raça, classe e violência merecem um enfoque cada vez maior no campo dos estudos do discurso e que estas pautas configuram uma luta política que nos dias de hoje é fundamental.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. – 4.^a ed. Campinas: Pontes editores, 2015.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Reci Regina Candiani. -1.^a ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HAN, Byung Chul. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. – Petrópolis: Vozes, 2017.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: Trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In. MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Org). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prata, 2008, p. 9-33.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. Trad. Paulo Neves. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-levy.pdf> Acesso em: 11 de ago. de 2019.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. 6.^aed. São Paulo: Pontes, 2012^a.
- ORLANDI, Eni P. Maio de 68: Os silêncios da memória. In. ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. – 4.^a edição. Campinas: Pontes editores, 2015, p. 53-61.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 7.^a ed. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.
- RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478>> Acesso em: 03 de ago de 2018.
- ZOPPI FONTANA, M.G.; CESTARI, Mariana Jafet. Cara de empregada doméstica?: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. *Rua* (UNICAMP), v. 20, p. 167-185, nov. 2014. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/web/index.php?r=publicacao/revista&revistaid=1>> Acesso em 01 de ago. de 2018.
- ZOPPI-FONTANA, M; FERRARI, A.J. Uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI-FONTANA; FERRARI, A. J. (Org.) *Mulheres em discurso*. Gênero, Linguagem. Ideologia. 1.ª ed. Campinas: Pontes, 2017. v. 1. 276p.

Artigo recebido em março de 2020.

Artigo aceito em maio de 2020.